

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Barbosa, A. Lemos. Nova categoria gramatical tupi: a visibilidade e a invisibilidade nos demonstrativos. *Verbum*, tomo IV, fasc. 2, p. 67-74. Rio de Janeiro.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/barbosa_1947_nova

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em dezembro de 2009.

resolver grandes enigmas que deixa a angústia existencialista. A Prof. BRANCA MAGNINO falou sobre o *não-ser no relativismo existencial*.

Ouviram-se ainda conferência do P. RENATO ARNOU S. J.: *a relação absoluta ao Absoluto*; do Prof. NICOLAU PETRUZZELIS, *existencialismo cristão de Gabriel Marcel*, e as comunicações do P. Muñoz VEGA S. J. sobre *augustinismo e existencialismo*.

Encerrou-se a semana no dia 12 com uma notável conferência do Prf. ERICO PETERSON sobre o *influxo de Kierkegaard na teologia protestante contemporânea*.

Apresentado pelo P. CARLOS BOYER S. J., prefeito de estudos da Universidade Gregoriana e secretário da Academia de S. Tomás, foi o conferencista acolhido com ondas de simpatia e aplausos.

Assinalou o Prof. PETERSON a qualidade de teólogo de Kierkegaard, teólogo de formação pietista, por influência paterna, e que punha toda a sua crítica anti-protestante e toda a sua filosofia a serviço do pastor. Para Kierkegaard a existência é a existência de Cristo, isto, é, a de um santo e de um mártir. E os homens que sucedem ao segundo Adão se encontram por ele valorizados. Julga portanto PETERSON que certo existencialismo, afastando-se de Cristo, como Judas, traiu a existência.

As reuniões foram suspensas para que o semanistas pudessem no domingo dia 13 venerar na Basílica Vaticana o novo Beato Prof. CONTARDO FERRINI, catedrático de Pavia e ilustre romanista.

"Notice: This material may be protected by copyright law (Title 17 U.S. Code)"

NOVA CATEGORIA GRAMATICAL TUPI

A visibilidade e a invisibilidade nos demonstrativos

P. A. LEMOS BARBOSA

Muitas línguas primitivas distinguem os demonstrativos não apenas de acordo com a maior ou menor proximidade do objeto em relação ao orador e ao interlocutor, mas também segundo vários outros aspectos descritivos. Vai nisso a própria índole concreta e pictórica desses idiomas arcaicos.

Entre as línguas do grupo Munda, empregam-se demonstrativos diferentes, se o objeto designado ocupa uma posição *normal* ou *lateral*, se se trata de um ser *animado* ou *inanimado*, de uma coisa *vista* ou apenas *ouvida* (1).

As línguas americanas oferecem inumeráveis exemplos dessas diferenciações. O Tlingit, do Alaska, distingue entre o que está próximo porém *mais* próximo que o interlocutor, e o que está próximo *mas menos* que o interlocutor. E tem formas especiais para referir-se ao que está *adiante* ou *atrás*, *por cima* ou *por baixo* (2).

O Cri se serve de três formas demonstrativas: *awa* "este", *ana* "esse ou aquele" e *o:ja* "aquele até há pouco aqui, mas agora fora da vista".

Na língua dos Esquimos, há uma série inteira: *manna* "este", *anna* "esse ao norte", *qanna* "esse ao sul", *panna* "esse a este", *kanna* "esse ali em/baixo", *sanna* "aquele em baixo, no mar", *inna* "aquele", etc. (3).

ALFREDO TROMBETTI, o eruditíssimo glotólogo italiano, precisa que naquela língua boreal os demonstrativos variam para exprimir sete diferentes posições do objeto com referência ao sujeito: no *centro*, em *cima*, em *baixo*, *adiante*, *atrás*, *à direita*, *à esquerda*. No Aleuto o quadro ainda é mais complicado, e no Abipone há demonstrativos

(1) J. PRYZLUSKI, *Les Langues Munda*. In *Les Langues du Monde*, de MEILLET et COHEN, p. 402.

(2) FRANZ BOAS, *Race, Language and Culture*, N. York, 1940, p. 223.

(3) LEONARD BLOOMFIELD, *Language*, N. York, 1938, p. 259.

especializados para o que está *presente, ausente, sentado, de pé, deitado, andando...* (4).

Processo semelhante se verifica no Cherokee, do grupo Iroquês, onde há especialização para o que está *sentado, deitado, de pé, andando, indo, vindo, morto, vivo* (5).

Não seria difícil citar outras línguas que desenvolvem tais especializações. Característico é o exemplo do Chuckchi, idioma paleoasiático hiperbóreo, em que há demonstrativos apropriados para nove posições diferentes do objeto com relação à pessoa *que fala* (não incluídos, pois, os que se referem à 2.^a e à 3.^a pp.) (6).

F. MULLER, no seu *Grundriss der Sprachwissenschaft*, cita o caso da língua Jagan, da Terra do Fogo, que, além dos três demonstrativos primaciais, dispõe de numerosos outros para localizar os mais variados pormenores: um para designar a pessoa que se encontra no fundo da cabana, caverna, vale ou baía; um para indigitar a quem se encontra a um dos lados ou ao norte desses lugares; outro para o que se ache à entrada ou a oeste; e mais um conjunto de partículas para mostrar os pontos cardiais, todas variáveis de acordo com a pessoa gramatical a que se referem (7).

Omito as possíveis complicações com as outras categorias gramaticais: *classes superior ou inferior* (p. ex., no Algonquino, os diferentes demonstrativos para os seres animados e os inanimados), *casos* (como, no Siuslaw, os demonstrativos especializados para o que refere ao sujeito ou ao objeto da frase), *gêneros, tempos...*

O novo conceito gramatical que surge de todos esses fatos, é o da *presença ou ausência*, em acréscimo ao de *proximidade ou distância*, clássico em nossas línguas.

Não diz com o objetivo deste artigo estudar detidamente as categorias de *proximidade-distância* e de *presença-ausência* nas outras partes gramaticais que não os demonstrativos: possessivos, pronomes pessoais, verbos, preposições, etc. Baste uma ligeira alusão.

O idioma Woloff, p. ex., exprime a posição do objeto pela vogal final do *artigo*, mesmo em casos em que se dispensam os demonstrativos. "O pai" traduz-se de quatro diferentes maneiras, conforme a posição em que de fato se encontra o pai, com relação à pessoa que fala:

- bàye* — *bu*: o pai (imediatamente perto de mim)
bàye — *bi*: o pai (presente)
bàye — *ba*: o pai (afastado de mim)
bàye — *bà*: o pai (muito afastado de mim)

(4) In *Enciclopedia Italiana*, art. *America*, t. II, p. 929.

(5) RAOUL DE LA GRASSERIE, *De la catégorie grammaticale de la Distance & de la Position ou Du Démonstratif*, Paris, 1907, p. 25.

(6) WALDEMAR BOGORAS, Chukchee, in "Bureau of American Ethnology", Bulletin 40, part 2, p. 723.

(7) apud R. DE LA GRASSERIE, ob. cit., p. 24 s.

A essa diferenciação não se furtam nem mesmo os pronomes da 2.^a e da 1.^a pessoas.

No caso de 1.^a p., porém, o ponto de referência tem de ser outro: e é a 2.^a p.:

- man* — *mu*: eu (que estou imediatamente perto de ti)
man — *mi*: eu (que estou perto de ti)
man — *ma*: eu (que estou longe de ti)

Com esse exemplo, o conceito de distância atinge o máximo de expressão gramatical.

Quando a categoria de presença-ausência penetra no terreno dos possessivos, dá margem ao mais inesperado entrosamento de possibilidades. E' o caso do Tsimshian, no qual a expressão "o seu pai (p. ex., de João)" é susceptível de inúmeras traduções, conforme estejam presentes ou ausentes o pai e João, ou o pai presente e João ausente, ou vice-versa. Como, além disso, no Tsimshian os possessivos variam de acordo com os três tempos, passado, presente e futuro, pode-se fazer idéia da inibição mental que acomete o civilizado ao começar a falar naquele idioma. O fenômeno torna-se mais notável na conjugação objetiva, pois aí atinge o pronome da 1.^a pessoa.

RAOUL DE LA GRASSERIE chama a atenção para a "importância primitiva" da distinção entre presença e ausência, que "se reporta à época em que a linguagem nascente tinha por auxiliar o gesto; em rigor, poder-se-ia designar com o *dedo* a si mesmo, em lugar de dizer *eu*, o interlocutor, em lugar de dizer *tu*, o objeto, em lugar de *ele*, e o objeto ausente por um gesto vago" (8).

Qualquer que seja o valor dessa opinião, aliás indemonstrável, fato é que a categoria nasce da tendência do pensamento primitivo para o concreto e individualizado. E' a necessidade de determinar com precisão um ou mais seres entre muitos outros semelhantes. Para isso, nada melhor do que os pormenores externos: os objetos próximos, a presença ou a ausência, a referência aos pontos cardiais, o movimento ou o repouso, o sentido do movimento, a posição accidental e momentânea, ou mesmo a configuração externa e normal do objeto.

Da mesma tendência classificatória e determinatória nasce a divisão em classes gramaticais: desde a dos seres animados e inanimados, (Algonquino, Dakota, Nahuatl, Kiché, Kichua, Mutsun, Araucano, etc.), humanos e não humanos (Tupi), viris e não viris (Iroquês, Arauak), machos e fêmeas (Caraíba, Guajira), até à nossa confusa classificação indo-européia: masculinos e femininos, ou masculinos, femininos e neutros.

As classes de palavras em Bântu, cada qual com diferente tratamento gramatical, prendem-se à mesma remota origem: à diferenciação gramatical de seres externamente diferentes.

(8) Ob. cit., p. 2.

Na mesma linha de fatos, certas línguas, como o Chinês, o Nahuatl e o Tsimshian, usam diferentes numerais, conforme a aparência externa dos objetos contados. O Nahuatl, p. ex., distingue os objetos redondos, os pares, os grãos, as roupas, etc.. No grupo Tsimshian, a separação é entre objetos chatos, redondos, longos. seres humanos, canoas, medidas, maços de dez peles (9).

A língua Kiriri, do Nordeste brasileiro, joga com doze partículas, que se colocam entre os substantivos e seus numerais ou qualificativos (nomes de cores). O critério que originariamente presidiu à seleção — a configuração externa — ainda é evidente em algumas dessas partículas: *hó* para cordas, cipós, fios, cobras; *eprú* para molhos e cachos; *cró* para olhos, frutas, estrelas, pedras, aves; *ró* para vestidos, panos, peles; *nu* para buracos poços, bôcas, campos, vargens, cercados; *yá* para ossos, coisas pontudas ou de ferro; *hé* para paus, pernas, etc. (10). Exige a mesma língua a anteposição de distintos termos classificatórios aos nomes de 1. criações, 2. caças e colheitas, 3. cosidos, 4. assados, 5. legumes colhidos na roça, 6. mandioca colhida, 7. frutas amadurecidas em casa, 8. achados, 9. despojos de guerra, 10. coisas repartidas, 11. presentes, 12. objetos carregados (11).

Observa FRANZ BOAS que entre as tribus que se estendem desde o Rio Colúmbia para o Norte até o Alaska se introduziu um novo conceito demonstrativo, isto é, o da *visibilidade* ou *invisibilidade*. "O Chinook tem demonstrativos para distinguir "o que está próximo do orador e é visível", ocorrendo a mesma especialização no Quileute e no Salish da Costa" (12). Com êsse afamado antropólogo e linguista, que considera o conceito gramatical de visibilidade e invisibilidade um traço característico do idioma Kwakiutl, concorda EDWARD SAPIR, mostrando que tal tipo de elaboração demonstrativa, estranho ao nosso modo de pensar, é natural e até necessário para um índio Kwakiutl (13).

A dificuldade prática vem de que a cada momento é mister reconstituir a posição do orador.

A categoria de visibilidade-invisibilidade não se confunde de todo com a da presença-ausência. Um ser pode estar presente (percebido, p. ex., pela audição) e continuar invisível. No Kutental dá-se a junção das duas categorias: há demonstrativos para três

(9) FRANZ BOAS, *Handbook of American Indian Languages*, part 1, Washington, 1911, p. 396 s.

(10) P. LUIZ VINCENCO MAMIANI, *Arte de grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri*, 2.^a ed., Rio, 1877, p. 53.

(11) id., ib., p. 59 ss. — O Tupi conserva traços dessa curiosa construção. O P. LUIZ FIGUEIRA adverte que não se diz *xe tapiira* "minha vaca" nem *Pedro taiasu* "o porco de Pedro", mas sim *xe r-eimbaba tapiira* "minha criação vaca" e *Pedro r-eimbaba taiasu* "a criação porco de Pedro". Também o prefixo *ep-*, que se antepõe à palavra *uru* "cesto" quando há referência a quem carrega, é vestígio de uma arcaica classificação semelhante àquela pela qual o Kiriri exige a partícula *e* preposta aos nomes de cousas carregadas, quando ao lado do possuidor. *Arte de grammatica da lingua brasilica*, Lisboa, 1687, p. 77 e 79. Igual tratamento se dispensava a *(e)mbiara* "presa (de caça ou guerra)".

(12) Race, *Language and Culture*, loc. cit.

(13) *Language*, N. York, 1939, p. 97-98.

posições: *aqui* (ou em ponto previamente referido), em lugar *indefinido*, e *ausente*. Mas cada um deles tem forma diferente para o que é visível ou invisível (14).

Conclui Boas confessando ignorar se ocorra a categoria em outros grupos lingüísticos vizinhos.

Causará surpresa no meio dos estudiosos a afirmação de que também no Tupi se fazia uma distinção fundada na visibilidade ou invisibilidade. Pois até aqui nenhum autor, nem antigo nem moderno, assinalara o fato, nem no Tupi nem no Guarani.

Mas a recente publicação do *Vocabulário na Língua Brasilica* (15) veio preencher vários pontos omissos da gramática tupi.

Em monografia especial, a sair brevemente pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, faço uma resenha das principais novidades que nos oferece aquele importante documento do século XVI. Antecipo aqui o que se refere ao nosso assunto.

São os seguintes os verbetes que autorizam a minha conclusão: "Aquelle, ou aquella, ou aquillo que esta presente. — Quei. Queibae. Quea. E se esta absete Acoe, 1, Acuey. Acueya. Acueybae". "Aquelle, aquella, aquillo q. sinto ou ouço e não vejo. — Aipo. Aipobae".

"Aquillo que ambos estamos uendo. — Quea. Queea. Quebae. Queebae. Estes que levão dous ee iuntos servem para o que se mostra mais longe".

"Aquillo que tu, e eu sabemos. — Aquea. Aqueibae".

"Aquillo, ou isso q. se ouve ou sete e não se ue, ou eu não conheço mais que por fama. — Aipo. Aipobae".

"Esse. — Eboquei. Eboquea. Eboqueibae".

"Esse mesmo. — Eboquea, aê, et sic de coet. E todos estes se mostrão, e an de estar presentes".

"Esse mesmo q. tu dizes, ou te dicerão. — Aebae. Aipobae. Ae. Aipô".

"Essoutro. — Cueamo. Cucamoá".

"Esta ou este. — Cobae...".

"Jsso, pronome, pello q. se uê. — Üi. Üibae. Ebouj. Eboui — (bae?). Euj. Eujbae. Quea. Eboquea. Queibae. Eboqueibae".

"Jsso, ou isto pello q. somte. se ouue e não se ue. — Aipo. Aipobae".

"Jsto. — Ang. Yang. Angbaê. Yangbaê. alr. Cò. Cobae. Yco. Ycobae. Differem nisto que os primros. dize-se assi do uizuiel, como

do inulziuel estoutros somtes. do uizuiel".

"Eyl-o, aqui está. — Cò cecoû...".

"Eil-o sentindo-o somte. (sem?) no uer. — Aipô. i. cecou, Yxou etc. ut. Aipôturi. Eil-o uem, ouuindo-o somente. etc.".

"Eyl-o lâ, ou pa. lâ onde tu estás. — Eboque, 1, Eboquei, ut. ...".

(14) FRANZ BOAS, *Race...*, p. 230.

(15) *Vocabulário na Língua Brasilica*, São Paulo, 1938.

"Eyl-o acolá. — Que, l, Queê, quando he longe".

"Aquelle que. — Acô...".

"Aqueloutro. — Acoamoã".

Os demonstrativos citados (os outros não nos interessam aqui) se enquadrariam no seguinte esquema :

kó (e variantes e compostos: ikó, kó-bae):	"este"	(coisa visível)
ang (var. iang, ā, iā, comp. ang-bae...):	"este"	(c. vis. e inv.)
kùéi (var. kùé, kùéia, kùéi-bae):	"êsse", "quele"	(c. vis.)
ebo-kùéi (var. ebo-kùé, ebo-kùéia...):	"êsse", "quele"	(c. vis.)
ui (var. gui, uim):	"êsse", "quele"	(c. vis.)
ebo-ui (var. ebo-uinga, eb-ui, e(g)-ui):	"êsse", "quele"	(c. vis.)
a-kó:	"êsse", "aquele"	(c. inv.)
a-kùéi (var. a-kùéia, a-kùéi-bae):	"êsse", "aquele"	(c. inv.)
a-ipó (var. a-ipó-bae):	"êsse", "aquele"	(c. inv.)
a-é (var. a-é-bae):	"êsse", "aquele"	(c. inv.)

Algumas observações.

Visibilidade e invisibilidade tomam-se aqui apenas com referência ao momento e local em que o objetivo é demonstrado, e não num sentido constitutivo ou essencial.

Os demonstrativos para coisas invisíveis são os mesmos kó e kùéi (vis.) com um prefixo a-, tão evidente quanto inesperado: a-kó, a-kùéi. O que sugere seja também prefixo o a- de a-ipó e a-é.

Ebo-kùéi e ebo-ui se derivam de kùéi e ui com um prefixo ebo-, que ocorre também em eb-apó "ai, lá", eb-anôi "da banda daí", e, anasalizado, em emo-nā "dessa forma", com a evidente função de indicar a proximidade com o interlocutor.

As formas que levam o -a paragógico (kùéia, a-kùéia, ebo-utnga, anga), correspondem aos nossos chamados pronomes demonstrativos. Aliás, no dialeto Tupi, o -a, longe de ser mero fenômeno fonético, assumiu o papel de morfema nominal (substantivo, adjetivo, pronome, infinito).

Estranho que ANCHIETA e FIGUEIRA, MONTOYA e RESTIVO, contemporâneos do Tupi e do Guarani vivos, não se tenham dado conta desse

singular traço da lingua indigena. Entretanto, RESTIVO, o mais completo, parece ter-lhe sentido o fardo, vagamente. Diz, p. ex.:

"A vel ūbae esto, esta, estas cosas presentes...".

"Acoi, l. acoibae aquél, aquella, aquello, aquellos &c. usase quando se refiere alguna cosa dicha ó vista ó de cosa que se ve de léxos...".

"Aypó l. aypobae esse, essa, esso, esses &c. de que se trata ut...".

"Ang l. āngbae estos, estas cosas de plural demonstrandolas...".

"Aū l. aūbae esse, esses, ai presente...".

"Co l. cobae este, esta, esto, estos &c. demostrandolo...".

"Ebocoi l. ebocoidae esse, essa, esso, essas cosas, señalandolas...".

"Eupe l. eupebae esse, esses que estan presentes...". (16)

"Aco l. acoy l. acoibae aquél, aquello...dicese ó de cosas presentes ó de cosas passadas que se refieren" (17).

Dir-se-ia que para uma melhor formulação do curioso conceito gramatical, a RESTIVO faltou apenas uma palavra.

Mas, apesar de não ser precisada pelos gramáticos, a regra foi inconscientemente seguida pelos autores que escreveram em Tupi ou Guarani.

Vejam-se, por ex., estes lanços de ANTÔNIO DE ARAÚJO (18):

"Aimombëü iā acó Tupā Täyra goecobé ieby riré ybakype iõagoéra, ebapó oçóagoéra çüi Tupā Espirito Santo mbõüri". (p. 127): Já (iā) contei (aimombëü) a/quela/ (19) (acó) sua ida (iõagoéra) de Deus Filho (Tupā Täyra) para o céu (ybakype), depois (riré) de sua ressurreição (goecobé ieby). D' (çüi) êsse lugar (eb-apó) a que êle foi (oçóagoéra), enviou /fez vir/ (mbõüri) a Deus Espirito Santo (Tupā Espirito Santo).

"Cerocáribépe acé aipó iandy caräiba oioécé inóngHEME? Cero-cáribé. — Acé nhemongaräiba ndaroéra iabépe? — Aquêta iabé". (p. 152): A gente (acé) tem também padrinho (cerocáribépe), quando /o Bispo/ o coloca (inóngHEME) aquêle (= o) óleo santo (iandy caräiba) na gente (oioécé)? Tem também padrinho (cerocáribé). — Como (iabépe) o do (ndaroéra) batismo (nhemongaräiba) da gente (acé)? — Como (iabé) aquele (19) (aquêta).

"Mbäépe acé oimöeté abaré itäiucamuci rupíreme, acó itä iucamuci anhó tepe? (p. 153): Que é o que (Mbäépe) a gente (acé) reverencia (oimöeté), quando (-eme) o padre (abará) ergue (rupír) o vaso (camuci) de ouro /pedra amarela/ (itä iú)? só (anhó tepe) aquele (= o) (19) (acó) cálice /vaso de ouro/ (itä iú camuci)?

Cfr. também p. 188, 231 e 241, que se omitem, por brevidade.

(16) PAULO RESTIVO, *Arte de la lengua guarani*, ed. de Seybold, Stuttgart, 1892, p. 26-27.

(17) id., *Partículas de la lengua guarani*. In *Arte de la lengua guarani*, ed. cit., p. 218.

(18) ANTÔNIO DE ARAÚJO, *Catecismo Brasilico da Doutrina Christã*, ed. de Platzmann, Leipzig, 1898.

(19) invisível, no momento.

Dos autores que trataram do Guarani moderno, nenhum faz referência à categoria de visibilidade ou invisibilidade. Dir-se-ia que o processo gramatical se extinguiu totalmente na língua, sob a pressão do bilingüismo com o Espanhol. Mas, se não abre exceção, deixa ao menos uma dúvida a recente obra de ANTÔNIO GUASCH (20), que só vim a conhecer quando já delineada esta comunicação. Diz o referido Autor :

"amó; acó, aipó este, esta
 "pe; upe, aipó ese, esa (presente); ese, esa, (ausente)
 "co aquel, aquella (algo lejos); aquel, aquella (ausente), ése (que dices)"

Sobre RESTIVO, GUASCH não adianta um passo. Não acena para o conceito de visibilidade, mas tão só para o de presença ou ausência. Além da hipótese da extinção daquela categoria, pode-se levantar outra menos provável: ao gramático, aliás perito em línguas clássicas, teria faltado a compreensão ou a expressão gramatical do fenômeno. De qualquer forma, a página de GUASCH se distingue na sua obra e em toda a bibliografia do Guarani atual, que ainda continua à margem da lingüística moderna.

O descobrimento da categoria de visibilidade no Tupi dá motivo para suspeitas de que talvez ela exista em outras línguas sul-americanas, tendo passado despercebida os seus gramáticos.

Aos que lidam entre os índios incumbe tirar-nos essa dúvida, investigando cuidadosamente uma matéria de tanto interesse lingüístico e etnológico.

Post-scriptum. — Esplêndida confirmação acabamos de obter, estudando a língua Iathê com um índio Fulniô (Per-nambuco), atualmente de passagem pelo Rio. Entre outros demonstrativos, ha *tchiwa* e *niwa* (fem. *tchitosa* e *nitosa*) "aquele", o primeiro para o que é visível, o segundo para o invisível.

RESENHA DE LIVROS

ANTÔNIO GÓMEZ ROBLEDO, *La filosofía en el Brasil*, México, Imprenta Universitaria, 1946, in 8.º gr., pp. XVIII — 206.

ROBLEDO, mexicano de nascimento, viveu entre nós algum tempo como membro da Comissão jurídica interamericana. Nos lazes que lhe deixavam as responsabilidades do cargo, dedicou-se ao estudo de nossas coisas, e, de volta à pátria, como fruto de suas leituras e reflexões, acaba de publicar esta história da *Filosofia en el Brasil*, que é, incontestavelmente, o melhor trabalho que possuímos no género.

O autor empreendeu-o com uma cultura filosófica sólida e ampla, como não a possuíram, em geral, os que entre nós se quiseram ocupar do assunto. Seus conhecimentos seguros dos vários sistemas e da sua evolução histórica permitem-lhe situar com acerto os nossos pensadores e avaliar, em seu justo valor, o jôgo de influências que decidiram da sua orientação intelectual. Ao saber filosófico própria-mente dito alia ROBLEDO as riquezas de uma cultura humanista muito aprimorada, freqüente em autores europeus, raríssima entre nós. Seu estilo ganha imenso, não só em opulência de recursos, propriedade e exatidão de vocabulário, mas ainda na espontaneidade das reminiscências clássicas e na figura sutil das ironias que, aqui e ali, lhe pontilham a gravidade do dizer. A sua leitura é uma lição e um encanto. Ouça o leitor esta breve descrição de uma das reuniões dominicais do templo positivista do Rio de Janeiro: "*Los asistentes son cada dia más escasos. Yendo de incrédulo espectador pasivo, puede pasarse un rato apacible, oyendo al sacerdote disertar impertérrito sobre los textos del Catecismo, hablando del patriado bancario, de la Rusia zarista y del advenimiento inminente del régimen pacífico industrial. Son sermones escatológicos que confortan el ánimo abatido del hombre contemporáneo. Es, en suma, el templo todo, con su abigarrado santoral y sus prédicas anacrónicas, un tranquilo recanto, al abrigo del tiempo y del espacio, del que son apenas pálido trasunto nuestras sociedades de geografía y estadística*". p. 64.

As idéias dos nossos pensadores hauriu-as de primeira mão na leitura dos seus escritos. A interpretação do seu pensamento é-lhe facilitada por um conhecimento, raro entre estrangeiros, da evolução da nossa história e da nossa literatura geral. Os perfis mais interessantes — o de Teixeira Mendes, de Tobias Barreto ou de Farias